



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JACIRA ROCHA DOS SANTOS**

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO PROCESSO DE  
EMANCIPAÇÃO DA MULHER**

**Arraias, TO  
2024**

**Jacira Rocha dos Santos**

**O papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de emancipação da  
mulher**

Trabalho de Conclusão de Curso TCC apresentado à  
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de  
Arraias para obtenção do título de licenciado em  
Pedagogia

Orientadora: Profa. Dra. Lenilda Damasceno Perpétuo

**Arraias, TO  
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S237p Santos, Jacira Rocha dos.

O papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de emancipação da mulher. / Jacira Rocha dos Santos. – Arraias, TO, 2024.  
26 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2024.

Orientadora : Lenilda Damasceno Perpétuo

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Emancipação humana. 3. Mulheres. 4.  
Ensino aprendizagem. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**Jacira Rocha dos Santos**

**O papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de emancipação da  
mulher**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias no Curso de pedagogia, foi avaliado para a obtenção do título de pedagoga e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Lenilda Damasceno Perpétuo -UFT

---

Profa. Dra. Rozilane Soares do Nascimento Queiroz -UFT

---

Profa. Dra. Elisabete da Silveira Ribeiro- UFT

O direito a fala não é um privilégio de alguns homens, mas sim um direito de homens e mulheres”. Paulo Freire

## **AGRADECIMENTOS**

Ninguém caminha sozinho, se cheguei até aqui, muitos/as vieram comigo. Minha eterna gratidão a Deus pela força, fé e coragem que ele na sua divina misericórdia me concedeu, para que eu nunca desistisse dos meus sonhos e dessa jornada desafiadora que é a universidade na vida de uma mulher negra, trabalhadora, mãe, filha, avó e acadêmica.

Aos meus pais Vicente Rocha e Maria Moura e aos meus irmãos e irmãs pelo incentivo e apoio de sempre, e as minhas filhas, netos e netas pela compreensão nos momentos de ausência e amor incondicional nos enfrentamentos diários.

Aos professores e as professoras por contribuir incansavelmente para a minha formação acadêmica e reflexões acerca da vida. Em especial a minha orientadora professora Dra Lenilda Damasceno Perpétuo, pela paciência e dedicação em seus ensinamentos e contribuição neste trabalho acadêmico e por não soltar a minha mão.

Agradeço com todo meu carinho a minha amiga e comadre Jane Luciano, e a minha sobrinha aguerrida Nágea que sempre me apoiaram e me auxiliaram nas minhas dificuldades tecnológicas e na feitura deste trabalho acadêmico. Elas sempre me incentivaram muito e me encorajaram a não desistir.

Agradeço aos colegas de classe pelas nossas trocas de conhecimentos e pelo nosso percurso acadêmico. Enfim agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse a conclusão deste trabalho acadêmico que de alguma forma transformou a minha vida e a vida de muitas outras mulheres que passaram pelo processo de emancipação.

## RESUMO

O presente trabalho de cunho qualitativo intitulado “O papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de emancipação da mulher”, visa compreender como a EJA favorece a retomada do percurso educacional da mulher em seu processo de emancipação tendo como subsídio teórico as concepções de autores como Arroyo (2017), Cruz (2018), Freire (Godoy (1995), Hahner (1981), Kalman (2011), Portelli (1997), entre outros. Tal qual, os relatos de cinco colaboradoras que passaram pela EJA. Nesse contexto, trago a minha trajetória de vida que me motiva a aprofundar nessa temática, tendo em conta o impacto que a EJA teve na minha vida, a realização do presente trabalho de pesquisa aborda como essa modalidade de ensino favorece a retomada do percurso educacional de mulheres em seu processo de emancipação? Tendo como objetivo geral, compreender o processo histórico das mulheres na educação. E como objetivos específicos: investigar a entrada das mulheres na EJA em Arraias - TO e identificar os percursos de mulheres que concluíram os seus estudos por meio da EJA e adentraram o espaço acadêmico. Tal trabalho se justifica pela importância de se compreender como a educação pode ser um instrumento de empoderamento e autonomia para as mulheres, propiciando a conquista de melhores condições de vida, inserção no mercado de trabalho, ampliação do repertório cultural e social, entre outros benefícios. Ademais, ao analisar o impacto da EJA na vida das mulheres, foi possível identificar os desafios enfrentados por elas ao retomar seus estudos e as estratégias que foram adotadas para superá-los, contribuindo para a construção de conhecimento e reflexão sobre as possibilidades de superação das desigualdades de gênero no campo da educação formal.

**Palavras-chaves:** Educação de Jovens e Adultos; Emancipação humana; Mulheres.

## ABSTRACT

This qualitative work, entitled “The role of Youth and Adult Education (YAE) in the process of women's emancipation”, aims to understand how YAE favors the resumption of women's educational path in their emancipation process, using as theoretical support the conceptions of authors such as Arroyo (2017), Cruz (2018), Freire (Godoy (1995), Hahner (1981), Kalman (2011), Portelli (1997), among others. As well as the accounts of five collaborators who went through the EJA. In this context, I bring my life trajectory that motivates me to delve deeper into this theme, taking into account the impact that the EJA had on my life, the realization of this research work addresses how this modality of education favors the resumption of the educational path of women in their process of emancipation? The general objective is to understand the historical process of women in education. And as specific objectives: to investigate the entry of women into the EJA in Arraias - TO and to identify the paths of women who completed their studies through the EJA and entered the academic space. This work is justified by the importance of understanding how education can be an instrument of empowerment and autonomy for women, enabling them to achieve better living conditions, enter the job market, expand their cultural and social repertoire, among other benefits. Furthermore, by analyzing the impact of YAE on women's lives, it was possible to identify the challenges they faced when resuming their studies and the strategies they adopted to overcome them, contributing to the construction of knowledge and reflection on the possibilities of overcoming gender inequalities in the field of formal education.

**Key-words:** Youth and Adult Education; Human emancipation; Women.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Breve histórico da EJA no Brasil: as concepções epistemológicas que a permeiam e a introdução da mulher contemporânea no cenário educacional brasileiro.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>O percurso histórico das mulheres e seu direito à educação de qualidade.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3</b>	<b>A importância da educação para o processo de empoderamento feminino.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>ENTREVISTAS, DISCUSSÕES, ANÁLISE E TRATAMENTO DOS CONTEÚDOS.....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) foi desenvolvido no âmbito da Universidade Federal do Tocantins - campus Arraias, curso de licenciatura em Pedagogia e em seu âmbito traz o papel da EJA no processo de emancipação da mulher. Num primeiro momento gostaria de me apresentar e relatar um pouco da minha história, visto que foi inspirada nela que este trabalho foi desenvolvido.

Sou Jacira Rocha dos Santos, nasci na fazenda Barreiro do Prato, situada no município de Arraias - TO, no dia 31 de julho de 1980. Faço parte de uma família humilde, oriunda do campo e sou filha de pais analfabetos.

Quando eu tinha em torno de 5 anos de idade fui morar com minha tia Eva Gorgonha de Moura, e tive a oportunidade de iniciar meus estudos, ela me matriculou na mesma escola em que estudava. Essa escola fica localizada na fazenda Cágado, município de Paranã - TO, por ser muito pequena muitas vezes a minha tia se via obrigada a me pegar no colo para me conduzir até a escola, tendo em vista que o trajeto era dificultoso e cansativo por ser realizado a pé.

Na escola supracitada, inicia-se o meu processo de alfabetização onde a princípio tive contato com as vogais e depois com as consoantes e aos poucos fui adquirindo habilidades na construção de algumas palavras. É com enorme comoção que relembro de uma grande mulher, a professora Enide de Paula de Jesus que lá trabalhava exercendo o magistério com muito empenho e amor.

Depois de algum tempo tive que deixar a escola porque a minha tia se casou e se mudou para uma outra fazenda bem distante, como eu morava com ela tive que acompanhá-la, estando assim impossibilitada de dar prosseguimento aos meus estudos, dado que não havia nenhuma escola nas proximidades dessa fazenda que naquele momento seria o meu novo lar.

Após morar com minha tia por alguns anos, retornei para a casa dos meus pais, contudo por lá não fiquei muito tempo, em virtude de que o meu pai me levou para casa do meu tio para que eu voltasse a estudar, dessa vez a escola se localizava na fazenda São João, município de Arraias - TO. No meu primeiro dia de aula nessa escola eu estava feliz por poder dar continuidade ao meu aprendizado, todavia triste por ter que ficar novamente longe dos meus pais, mesmo assim com o coração partido eu tinha consciência de que naquele momento precisava focar nos meus estudos. Ao chegar na escola a professora Enilce de Paula

de Jesus com seu olhar carinhoso e sorriso encantador nos esperava na porta da sala de aula e nos dava um abraço aconchegante fazendo com que toda a tristeza ficasse de lado.

Eu gostava muito dessa escola apesar de ser distante da minha casa e se encontrar em estado de profunda decadência, uma vez que não possuía estrutura para atender as necessidades dos professores e alunos, pois nessa época era coberta com palhas, as paredes eram de adobo, os bancos que nos sentávamos eram feitos de madeira arquitetadas pelas mãos do esposo da professora, havia um quadro de giz bem pequeno e velho, ademais existia uma enorme demanda para que os materiais didáticos chegassem até lá.

Foi nessa escola que melhor se deu o meu processo de alfabetização, a professora aplicava atividades que eu muito apreciava, pois com essas atividades era possível formar palavras e colorir desenhos. Um dia em meio às tentativas de formar palavras, consegui escrever o meu nome, fiquei muito feliz por esse feito, pois esse era o primeiro passo de muitos que eu estava certa de que daria pela frente.

A forma dinâmica adotada pela professora fez com que eu e os meus colegas aprendessem a ler e escrever em um período de pouco tempo, pois como bem aponta Freire (1996, p. 31) "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." Entretanto logo a escola foi fechada e novamente tive o infortúnio de ver meus estudos sendo interrompidos. Voltei outra vez para casa dos meus pais e lá fui ajudá-los na lavoura, visto que sou a mais velha dos meus irmãos, sendo que somos 6, e naquela época sempre era o mais velho que tinha a incumbência de ajudar os pais com os trabalhos, tal qual cuidar dos irmãos mais novos.

Depois desse período o meu pai conheceu um senhor que morava na cidade de Campos Belos – GO, que necessitava de alguém para trabalhar como babá, em troca ele oferecia a pessoa a oportunidade de estudar, e foi assim que fui matriculada na escola Niedja, no setor Aeroporto, onde estudei da primeira à quarta série. Depois de alguns anos decidi voltar para a fazenda, posto que eu não estava mais satisfeita em morar com essa família. Ao chegar na fazenda retornei aos trabalhos na lavoura deixando o meu sonho de estudar para trás.

Com o passar do tempo, meus pais decidiram se mudar para a cidade de Arraias TO, nessa época eu já estava com 13 anos de idade e fui matriculada na escola Estadual Brigadeiro Felipe, após alguns meses estudando lá, ainda adolescente, conheci um rapaz e muito inexperiente me deixei levar por suas conversas e segundas intenções, resultando em uma gravidez precoce o que despertou o ódio do meu pai, visto que ele dizia que não queria isso para mim, pois seu sonho era me ver casada e formada.

Os meses foram passando e cada vez mais o ódio do meu pai aumentava até o dia que apareceu um homem que necessitava de duas meninas para trabalhar em Brasília - DF. Então, fomos minha irmã e eu, nessa circunstância nos estudos eu nem pensava mais, a minha preocupação nesse momento era com a criança que estava prestes a vir ao mundo. Muitas vezes em desespero eu não sabia o que iria fazer e minha mente era tomada por pensamentos negativos, mas como sempre tive fé em Deus, segui em frente até que dia 30 de maio de 1996, eu estava com 14 anos, me vi muito feliz com o nascimento da minha linda filha Jussara Rocha dos Santos Luiz, Contudo enquanto parte de mim celebrava o nascimento da minha filha, a outra lamentava por não ter experiência e por ter sido abandonada por quem deveria estar me apoiando.

Essa época foi um período de muitas dificuldades para mim, pois não tinha maturidade para ser mãe, tampouco sabia como administrar uma família, mesmo assim não desisti, fui persistente, forte, guerreira, determinada e com toda a minha fé depositada em Deus estava certa de que iria vencer.

Após passar quatro anos, engravidei da minha segunda filha, Brena Rocha Cardoso, retornei à cidade de Arraias e após 3 meses morando nesta cidade conheci uma pessoa com quem me casei, fui morar na fazenda e depois de 2 anos tive a minha terceira filha, Andreia Rocha Cardoso, morei lá durante 6 anos. Após esse período, me mudei novamente para cidade de Arraias e me matriculei na escola municipal Escadinha do Saber onde concluí a quarta e a quinta série do ensino fundamental através da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que segundo Machado (2010, p. 45) "[...] é um instrumento de inclusão social e de promoção da cidadania, pois possibilita que todas as pessoas tenham acesso à educação ao longo da vida."

Depois fui estudar na escola estadual Silva Dourado também na EJA onde concluí o restante do ensino fundamental e cursei também o ensino médio, nessa época eu já era mãe da minha quarta filha, Kelliane Rocha Alves.

Após concluir o ensino médio me inscrevi no vestibular e consegui ser aprovada no curso de Licenciatura em educação do campo, fiquei muito feliz por ter conseguido ingressar em um curso ofertado pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, Campus/ Arraias.

Muitas vezes ouvi pessoas dizerem que seria difícil eu conseguir passar em um vestibular, isso somente porque fui estudante da EJA. Soares, Giovanetti e Gomes (2011) nos dá uma breve explicação do porquê existe esse preconceito para com os alunos da EJA ao afirmarem que,

Por décadas, o olhar escolar os enxergou apenas em suas trajetórias truncadas: alunos evadidos, reprovados, defasados, alunos com problemas de frequência, de aprendizagem, não concluintes da 1ª à 4ª ou da 5ª à 8ª. [...] O direito dos jovens e adultos à educação continua sendo visto sob a ótica da escola, da universalização do ensino fundamental, de dar novas oportunidades de acesso a esses níveis não cursados no tempo tido em nossa tradição como oportuno para a escolarização. Nessa perspectiva, os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso, na infância e na adolescência; ao ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo propiciemos uma segunda oportunidade. (Sousa; Giovanetti; Gomes, 2011, p. 21)

Mesmo assim não dei ouvidos a essas falas desmotivacionais, pois sabia da minha capacidade e o quanto era possível, só dependeria da minha força de vontade. Então comecei o curso, fiquei até o quinto período, então me dei conta de que não era esse o curso que eu gostaria de fazer. Logo, surgiu a oportunidade de eu ingressar no curso de Licenciatura em Pedagogia na mesma universidade.

Após iniciar o curso de licenciatura em Pedagogia, surgiu o período pandêmico causado pela desastrosa COVID.19, fiquei muito triste, pois pensei que meu sonho havia acabado. Mas, como Deus é maravilhoso e não nos desampara, graças a Ele tivemos a oportunidade de continuar estudando de forma remota com aulas online, sendo esse um novo modelo de ensino adotado pela equipe da educação da universidade para que as pessoas não ficassem sem estudar. Dessa forma foi possível concluir inúmeras disciplinas.

Hoje prestes a concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia, **sinto-me** feliz e vejo o quanto está sendo gratificante para mim, pois já enfrentei diversos desafios, preconceitos, discriminação devido ser mulher negra, de cabelos afro, ser mais velha e ter dificuldades de aprendizado. Entretanto, não me deixei levar por essas coisas, não permiti que essas falas me desmotivassem. Diante o exposto, friso que tudo isso serviu para que eu me tornasse mais forte, capaz de lutar pelos meus objetivos, pois mesmo com muitas dificuldades nunca desisti dos meus sonhos e por isso lutei bastante para estudar visando dar um futuro melhor para minhas filhas e para conseguir um emprego onde eu pudesse ganhar pelo menos o salário-mínimo para a minha subsistência.

Assim, me sinto realizada porque algumas das minhas filhas possuem formações e outras estão no mesmo caminho, e eu estou prestes a receber o tão almejado título de pedagoga, isso graças a EJA que me possibilitou a retomada do meu percurso educacional, uma vez que diante de tantos desafios não consegui concluir os estudos na idade regular. No caso de mulheres como eu, o acesso à educação muitas vezes é dificultado por questões de raça, classe e gênero, como a sobrecarga de afazeres domésticos, responsabilidades maternas, cuidados com a família, a falta de incentivo e apoio familiar, entre outros fatores.

Nesse contexto, diante do meu relato de vida que me motivou a me aprofundar nessa temática, tendo em conta o impacto que a EJA teve na minha vida, a realização do presente trabalho de conclusão de curso aborda **como essa modalidade de ensino favorece a retomada do percurso educacional de uma mulher em seu processo de emancipação?** E tem como objetivos compreender o processo histórico das mulheres na educação; investigar a entrada das mulheres na EJA em Arraias - TO e identificar o percurso de mulheres concluíram os seus estudos por meio da EJA e adentraram o espaço acadêmico da universidade. Tal trabalho se justifica pela importância de se compreender como a educação pode ser um instrumento de empoderamento<sup>1</sup> e autonomia para as mulheres, propiciando a conquista de melhores condições de vida, inserção no mercado de trabalho, ampliação do repertório cultural e social, entre outros benefícios.

Ademais, ao analisar o impacto da EJA na vida da mulher, será possível identificar os desafios enfrentados por ela ao retomar seus estudos e as estratégias que foram adotadas para superá-los, contribuindo para a construção de conhecimento e reflexão sobre as possibilidades de superação das desigualdades de gênero no campo da educação.

Desse modo, a realização deste trabalho indubitavelmente contribuirá para a ampliação do conhecimento sobre a relevância da EJA para a promoção da emancipação das mulheres, dando ênfase ao papel da educação na transformação das realidades individuais e coletivas.

Este trabalho está dividido em três tópicos, onde no tópico 2.1 a história da EJA no Brasil, onde trouxemos um pouco do histórico de avanços e retrocessos da Educação de Jovens e Adultos no Sistema Educacional Brasileiro. No tópico 2.2 trouxemos o percurso histórico das mulheres e seu direito à educação de qualidade e no tópico 2.3 a importância da educação para o processo de empoderamento feminino.

---

<sup>1</sup> Ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre: processo de empoderamento das classes desfavorecidas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Breve histórico da EJA no Brasil: as concepções epistemológicas que a permeiam e a introdução da mulher contemporânea no cenário educacional brasileiro

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil teve início oficialmente na década de 1940, com a criação do Movimento de Educação de Base (MEB) pela Igreja Católica, que segundo Souza (2012, p. 27) tinha como lema a Teologia da Libertação e sustentava que “a ‘opção pelos pobres’ que nos foi ensinada por Jesus Cristo na bíblia deveria significar o engajamento nas lutas populares [...]” e assim a instituição citada visava combater o analfabetismo e promover a educação popular. Posteriormente, a EJA passou a ser reconhecida como modalidade de ensino pelo Ministério da Educação (MEC), possibilitando a educação de pessoas que não tiveram acesso à escolarização na idade regular.

Com o decorrer dos anos, a EJA no Brasil passou por diferentes momentos e políticas públicas, sendo marcada por avanços e retrocessos. Um dos principais avanços foi a visibilidade no cenário educacional brasileiro conquistado a partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 LDB, que promovem e garantem na legislação brasileira a educação como direito fundamental para todas e todos. Pois no seu artigo 205 da CF/1988 diz que a educação é um dever do Estado e direito de todos.

No entanto, Soares, Giovanetti e Gomes (2011) discutem que as políticas públicas apresentam lacunas ao tratar a EJA com visão supletiva e os seus alunos como sujeitos com “trajetórias escolares truncadas”, sendo necessário uma reconfiguração da EJA. Tais autores abordam que,

O campo da Educação de Jovens e Adultos tem uma longa história. Diríamos que é um campo ainda não consolidado nas áreas de pesquisa, de políticas públicas e diretrizes educacionais, da formação de educadores e intervenções pedagógicas. Um campo aberto a todo cultivo e onde vários agentes participam. De sementeiras e cultivos nem sempre bem definidos ao longo de sua tensa história. (Soares; Giovanetti; Gomes 2011, P. 19)

A própria LDB 9394/96 aprecia a EJA apenas como uma modalidade de ensino com fins compensatórios, pois em seu art. 37 frisa que a educação de jovens e adultos é voltada para àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade regular (Brasil, 1996, p. 42)

Tratar da EJA, dos sujeitos que a engloba, é levantar bandeiras que envolvem raça, gênero, classe social, sexualidade, etc. Ao adentrar a EJA é necessário que tais sujeitos

tenham contato com um currículo que esquadrinhe a realidade, isto é, o contexto de vida nos quais estão inseridos, pois tratar da EJA não é apenas tratar de indivíduos que não tiveram acesso ou que não concluíram os estudos na idade regular, mas tratar de uma identidade coletiva que abrange negros/as, mulheres, pobres, trabalhadores/as e oprimidos/as excluídos/das.

A educação que é edificante a esse grupo é aquela que valoriza sua história de vida. Hierarquias escolares só existem porque existem hierarquias de classe, gênero, raça, sexualidade, etc. É primordial que tais hierarquias sejam exploradas dentro dos muros escolares, bem como na sociedade, visto que no que tange aos estudantes da EJA podemos contemplar uma luta não apenas para obter o diploma de conclusão do Ensino Fundamental e Médio, mas também para serem reconhecidos/das como sujeitos de direitos. (Arroyo, 2017)

Portanto o que os autores citados nos trazem e reforçam são essas questões ligadas a valorização da consolidação da EJA como uma modalidade qualificada e voltada para um público específico. Eles apontam que, mesmo com todo esforço no campo educacional, com muitos avanços na pauta da Educação de Jovens e Adultos EJA, ainda temos muitos retrocessos e várias lutas pela frente, no sentido de criar políticas públicas de incentivo e formação de profissionais voltados para o atendimento desse público tão marcado por estereótipos, discriminações e exclusões.

Na mesma perspectiva Paiva(2005) nos faz refletir quando indaga que,

Historicamente, a educação de jovens e adultos vem assumindo concepções e práticas bastante diferenciadas. Da visão ainda muito corrente que ela se faz para recuperar o tempo perdido daqueles que não aprenderam a ler e escrever: passando pelo resgate da dívida social: até chegar a concepção de direito para todos, da presente década, e do aprender por toda a vida, as enunciações variaram, deixando no entanto, no imaginário social, a sua marca mais forte, ligada à volta à escola, para fazer, no tempo presente, o que não foi feito no tempo da infância (Paiva, 2005, p.27.)

Em outras palavras Paiva nos inquieta a pensar que a Educação de Jovens e Adultos é crucial para essas pessoas que por algum motivo tiveram seus percursos interrompidos e seus direitos negados, essa modalidade de ensino cumpre seu papel no sentido de além de reparação histórica, traz para essas pessoas trabalhadoras a chance de recuperar o tempo, garantirem seus direitos fundamentais e abrirem novos horizontes e novas possibilidades para seus projetos de vidas.

No que tange às concepções epistemológicas que permeiam a EJA, é importante destacar que esta modalidade de ensino se baseia em uma perspectiva histórico-crítica e

emancipatória, que busca superar as desigualdades sociais e educacionais, valorizando os saberes e experiências dos educandos.

Dentro desse contexto, as principais concepções epistemológicas que orientam a EJA incluem a Pedagogia Freireana, que propõe a educação como prática de liberdade e diálogo. Souza (2012) debate que,

Paulo Freire é, certamente, o pensador brasileiro mais conhecido no Brasil e no exterior [...] Freire é a grande referência para milhares de educadores nas escolas e espaços alternativos de educação, pois suas ideias e sua prática pedagógica foram fundamentais para a construção do que hoje conhecemos como ‘educação popular’, cujo objetivo último é o de educar sujeitos para a transformação social. Por isso mesmo, dificilmente se encontrará um movimento social deste continente, no campo ou na cidade, que não tenha alguma inspiração nas ideias e na prática deste educador. (Souza, 2012, p. 9)

Assim também como a teoria histórico-cultural de Vigotski, também se destaca por enfatizar a importância da interação social e da cultura no processo de aprendizagem, e a perspectiva da Educação Popular, que busca a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Quanto às mulheres é sabido que historicamente estas foram excluídas dos espaços públicos, do mercado de trabalho e da educação formal, sendo relegada a elas apenas a vida privada de dona de casa. Mãe de família com papéis tradicionais de cuidadora do lar e dos filhos, como bem aponta Palácios, Reis e Gonçalves (2017) ao declarar que,

Historicamente a mulher sempre foi vista como a provedora dos filhos e responsável pelos afazeres da casa, educadas para constituir família. A relação com a educação não passava de formalidades para ter uma boa família. Quanto à educação escolar, essa, anteriormente, era privilégio de poucos e, ainda assim, direcionada para homens. (Palácios; Reis e Gonçalves, 2017, p. 106)

Como vemos, esse lugar do conhecimento científico, não foi pensado, nem projetado para as mulheres e sim por homens, pelos homens e para o usufruto de homens brancos, héteros e de famílias tradicionais.

Palácios, Reis e Gonçalves (2017, p. 106) explicam como houve uma reviravolta nesse cenário ao destacar as mudanças que foram ocorridas que reforça que quando muda o contexto sociocultural, a sociedade se movimenta,

[...] as mudanças ocorridas na sociedade, o crescimento da urbanização e a necessidade financeira, foram fatores importantes para que algumas mulheres lutassem pela liberdade, igualdade, pelo direito a trabalhar fora de casa e pelo direito à escolarização. A partir disto, a mulher começa a se firmar na sociedade possuindo

voz e vez, ainda que enfrente preconceitos e indiferenças. (Palácios; Reis e Gonçalves, 2017, P. 106)

É de suma importância que compreendemos esse movimento histórico, como um evento forte que provocam mudanças drásticas na vida das mulheres, pelo bem e pelo mal, porque se por um lado elas lutaram e lutam para ocuparem espaços públicos de fala, de poder e de empoderamento, por outro lado, o trabalho doméstico no setor privado de suas casas e famílias, não foram amenizados, pelo contrário, ficaram mais potencializados na conta das mulheres, ou seja, mais sobrecarga de trabalhos e responsabilidades.

Em consonância com Palácios, Reis e Gonçalves (2017) Almeida (1998) também corrobora ao enfatizar que a função atribuída a mulher vai conquistando novas conotações à medida que,

No mundo ocidental mais desenvolvido, a constatação da capacidade feminina para o trabalho fora do âmbito doméstico e o conseqüente ganho de autonomia que isso poderia proporcionar, mais as necessidades de sobrevivência ditadas pelas circunstâncias, iniciaram uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que até então estivera confinado no resguardo do espaço doméstico e no cumprimento da função reprodutiva (Almeida, 1988, p.27).

Palácios, Reis e Gonçalves (2017, p. 106) ainda afirmam que “Apesar das desigualdades enfrentadas ao longo da história, é por meio da educação que muitas mulheres almejam uma vida melhor, direito este conquistado há pouco tempo atrás.” Isso evidencia que as conquistas das mulheres por direitos garantidos constitucionalmente, ainda é uma luta diária e ainda são pautas latentes no cotidiano da sociedade.

## **2.2 O percurso histórico das mulheres e seu direito à educação de qualidade**

Pela Constituição Federal CF(1988) em seu artigo 6, são direitos sociais a educação, saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância, a assistência aos desamparados(..) Em seu artigo 205, fica nítido que a educação é um direito de todos e todas e é o dever do Estado e da família, visando o pleno desenvolvimento da pessoa humana em seu preparo para o exercício da cidadania e trabalho. Mas indagamos qual a distancia do que está na legislação brasileira e a nossa realidade? Em que medida esses direitos chegam para todos e todas?

O percurso histórico das mulheres e seu direito à educação de qualidade tem sido repleto de desafios e lutas. Durante muitos séculos, as mulheres foram excluídas do acesso à educação formal, sendo consideradas inferiores aos homens e tendo sua capacidade

intelectual subestimada. Foi somente na primeira metade do século XIX (19) que surgiram as primeiras instituições voltadas à educação das mulheres, contudo não se tratava de uma educação emancipatória, uma vez que visava apenas a consolidação do papel da mulher como mãe e esposa. (HAHNER, 1981).

Ainda no século XIX, surgiram movimentos feministas que reivindicavam o direito das mulheres à educação e à igualdade de oportunidades. Gonçalves e Pinto (2011, p. 29) afirmam que “a luta feminista se apoia [sic] no reconhecimento de que as mulheres são oprimidas específica e sistematicamente e que essa opressão não está inscrita na natureza” A partir de então, gradativamente, as mulheres foram conquistando espaço nas escolas e universidades.

No século seguinte, XX, com o avanço dos movimentos feministas e dos direitos humanos, as mulheres passaram a ter acesso cada vez mais amplo à educação, com a garantia de igualdade de oportunidades e de tratamento em relação aos homens. Almeida (2000) debate que,

As feministas consideravam que somente através da conscientização, proporcionada pelo conhecimento da opressão e dominação a que eram submetidas, poderiam organizar-se, resistir e lutar para escaparem do jugo masculino e das regras sociais injustas. Essa conscientização era, pois, um avanço significativo se compararmos com o silêncio e rigor das épocas anteriores, em que raras mulheres conseguiam romper as barreiras impostas ao seu sexo, sendo marginalizadas e ridicularizadas quando se expunham no espaço público e pretendiam se fazer ouvir. (Almeida, 2000, p. 6)

A luta das mulheres por um ensino de qualidade e igualitário continuou e segue até os dias de hoje, buscando superar as desigualdades de gênero presentes na educação.

Atualmente, as mulheres têm um papel fundamental na sociedade e no mercado de trabalho, e a educação de qualidade é um fator essencial para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. É importante que as políticas educacionais estejam voltadas para a promoção da igualdade de gênero e para garantir que as mulheres tenham acesso a uma educação de qualidade em todos os níveis de ensino. Pois como bem aponta Cruz (2018),

A luta das mulheres pelo direito à educação continua, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Atualmente, apesar dos avanços da inclusão do enfoque de gênero nas agendas públicas em nível mundial, particularmente no Brasil, as mulheres, em razão de seu gênero, continuam com barreiras de equidade, sofrendo violência, com dificuldade de aceder a recursos econômicos, educativos e espaços políticos de decisão. (Cruz, 2018, p. 102)

### **2.3 A importância da educação para o processo de empoderamento feminino**

A educação desempenha uma função de extrema importância no empoderamento feminino, dado que concede às mulheres os recursos basilares para que possam adquirir conhecimento e habilidades para tomar decisões informadas sobre suas vidas. Quando as mulheres têm acesso à educação de qualidade, elas estão mais propensas a alcançar sua independência financeira, exercer seus direitos e participar ativamente na sociedade.

Além disso, a educação pode ser considerada um suporte para as mulheres construir autoestima, autoconfiança e superar estereótipos de gênero que limitam suas oportunidades. Ao adquirir conhecimento, as mulheres se sentem mais aptas a se posicionar de forma crítica e enfrentar situações de discriminação e desigualdade de gênero.

A educação também contribui para o empoderamento feminino ao viabilizar que as mulheres tenham mais controle sobre sua saúde e bem-estar. Mulheres educadas são mais conscientes ao tomar decisões sobre sua saúde reprodutiva, prevenção de doenças e cuidados com o próprio corpo.

Mageste; Melo e Ckagnazaroff (2008) dão base a essas concepções ao argumentar que,

O empoderamento feminino está [...] relacionado ao fortalecimento dos atores sociais, considerando-se que a questão das desigualdades de gênero não se resume a carência ou precariedade de recursos, mas na falta de oportunidades sociais, políticas e econômicas, e exige uma expansão das capacidades humanas e das liberdades reais. Ou seja, o empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais garantindo a elas autonomia para controlar o próprio corpo, a sua sexualidade, o seu direito de ir e vir, bem como um repúdio à violência, ao abandono e às decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família. (Mageste; Melo; Ckagnazaroff, 2008, p 2)

Logo, investir na educação das mulheres é uma estratégia eficaz para promover a igualdade de gênero, reduzir o patriarcado e promover o empoderamento feminino. Quando as mulheres são educadas, elas se tornam agentes de mudança em suas comunidades, contribuindo para o desenvolvimento social, econômico e político de suas sociedades.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste TCC é de cunho de científico e investigativo social, de caráter qualitativo, com base em narrativas de mulheres que retomaram seus percursos educacionais por meio da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Godoy (1995) descreve a metodologia qualitativa como sendo aquela que,

[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p. 58).

A pesquisa tem como foco analisar como a EJA contribuiu para a emancipação educacional das participantes, investigando os desafios enfrentados, as motivações para retornar aos estudos e os impactos da educação em seus percursos de vida.

Usamos a história oral das mulheres, como forma de uma técnica de coleta de pesquisa, que consiste em registrar depoimentos sobre as histórias de vida de pessoas, por meio de entrevistas semiestruturadas, para compreendermos como elas constroem e interpretam seus percursos e acontecimentos fazendo o uso de suas oralidades.

Para sua consumação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as participantes, que foram tratadas por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2009). Portelli (1997, p. 31), assevera que “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária”.

Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da temática buscando embasamento teórico para compreender o papel da EJA na emancipação educacional e social de mulheres jovens, adultas e idosas.

Por fim, os resultados da pesquisa foram analisados, tratados e discutidos à luz da literatura existente, destacando o papel da Educação de Jovens e Adultos como ferramenta de emancipação e inclusão social de mulheres arraianas. Espera-se que este estudo contribua para a compreensão da importância da EJA na formação educacional e cidadã de mulheres que buscam retomar seus estudos e conquistar sua autonomia.

#### 4 ENTREVISTAS, DISCUSSÕES, ANÁLISE E TRATAMENTO DOS CONTEÚDOS

Para o desenvolvimento dessa pesquisa contamos com cinco colaboradoras com faixa etária entre 26 e 52 anos sendo elas: Viviane Bezerra da Silva: 39 anos, moradora de Arraias - TO, esposa, mãe de dois filhos, concluiu o Ensino Médio na EJA e atualmente está concluindo o curso de licenciatura em Artes Visuais e Música na Universidade Federal do Tocantins- Campus Arraias; Leonora: 50 anos, residente de Arraias, solteira, mãe de três filhos; Lucineia Fatima: 52 anos, residente de Arraias, casada, mãe de uma filha, dona de casa, aposentada e trabalhadora autônoma; Leiliane: 32 anos, residente de Arraias, casada, mãe de duas filhas; Regina: 26 anos, residente de Arraias, casada, mãe de duas filhas, aluna do 6º período de Pedagogia da UFT/ Arraias.

Quando perguntado sobre como a EJA contribuiu para o desenvolvimento pessoal e profissional das entrevistadas as respostas que obtivemos foram:

*Regina: A EJA contribuiu muito na minha vida pessoal e profissional, porque através dela tive a oportunidade de ingressar em um curso superior, permitindo assim a ter uma responsabilidade maior com relação aos estudos.*

*Leiliane: A educação de jovens e adultos contribuiu de maneira significativa para o meu desenvolvimento pessoal, pois foi essa modalidade de ensino que permitiu que eu concluísse o ensino médio depois de me tornar mãe.*

*Leonora: Para minha vida, a EJA como contribuição pessoal, me tirou da escuridão e passei a ter maior conhecimento dos meus direitos e deveres . Já no desenvolvimento profissional me deu a possibilidade de participar de projetos e curso profissionalizante me ajudando a socializar melhor com meus colegas de trabalho.*

*Lucineia Fátima: Através de trabalhos em grupos aumentei meus conhecimentos vendo com isso o melhor desenvolvimento funcional.*

*Viviane : Mostrando novas oportunidades através dos estudos.*

As respostas apresentadas deixam em evidência que as entrevistadas reconhecem que a EJA teve um papel significativo no seu desenvolvimento pessoal e profissional. As mulheres entrevistadas também foram questionadas se acreditam que a EJA trouxe novas

oportunidades de emprego a elas. Todas afirmaram que sim. Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) acerca da importância do trabalho elucidam que,

[...] a melhoria profissional e ocupacional é o motivo declarado da maioria dos estudantes. Ainda que o trabalho venha perdendo a centralidade que teve no passado recente na construção das identidades dos sujeitos e grupos sociais, ele continua a ser um fator importante nessa construção, especialmente nas camadas sociais em que ele é a fonte exclusiva para prover os meios de subsistência. A contração e o acirramento da competição no mercado de trabalho no período recente só veio tornar mais explícitas e urgentes as necessidades de qualificação profissional das pessoas adultas. (Di Pierro, Joia, Ribeiro, 2001, p. 72)

Sabemos da importância da EJA para o ingresso e ascensão no mundo do trabalho, mas Strelhow (2010) nos suscita a ver os resultados da Educação de Jovens e Adultos para além do mercado de trabalho, ele indaga,

[...] que educação queremos vivenciar? O que queremos com a Educação de Jovens e Adultos? Qual sua intenção? Queremos uma educação que sirva somente para instrumentalizar a pessoa ao mercado de trabalho ou queremos pessoas também que reflitam sobre sua situação social e do país? Queremos pessoas pensantes, críticas ou pessoas que são alienadas de seus direitos, como o de ter uma vida digna. A que e a quem a educação, de forma geral, está servindo? Penso que, como pessoas capazes de mudar a situação em que nos encontramos, de mudar um sistema de pensamento, de transformar toda uma realidade, temos a responsabilidade de querermos e sermos pessoas que pensam e que a partir da educação sejam instrumentalizadas a refletirem sobre sua ação como sujeitos e sujeitas da história. (Strelhow, 2010, p. 57)

Assim, as entrevistadas também foram inquiridas acerca de como a EJA influenciou nas suas relações interpessoais e sociais. Elas responderam:

Viviane: *Me inserindo melhor na sociedade*

Lucineia Fátima: *Me ajudou a ter o desenvolvimento de me comunicar com as pessoas, de como ajudá-las.*

Leonora: *Influenciou de maneira positiva, pois me proporcionou conhecimentos que me permitiram me posicionar quando necessário, na hora certa respeitando e sendo respeitada.*

Regina: *A EJA me ajudou muito com relação a minha timidez ao falar em público, fui me soltando aos poucos. Atualmente ainda tenho um pouco de dificuldade, mas foi na EJA que perdi mais aquele medo e o nervosismo*

Leiliane: *Com relação às relações interpessoais e sociais aumentei a minha autoconfiança e ganhei mais força para correr atrás dos meus sonhos*

Kalman (2011) razoa que as mulheres podem se deparar com muitos desafios ao participarem de programas de alfabetização. Tendo em vista o parecer de Kalman (2011) foi solicitado às entrevistadas que relatassem quais foram os principais desafios enfrentados ao voltar a estudar na EJA e como elas os superaram. Elas responderam da seguinte forma:

Viviane: *Reconectar ao conhecimento, retomar o ritmo de estudos e manter a frequência na escola além de lidar com o cansaço, o sono e a baixa visão.*

Lucineia Fátima : *Ter que deixar minha filha em casa ou levá-la para a escola.*

Leonora: *Conciliar os estudos com trabalho e com os afazeres domésticos. Esse desafio foi superado através da motivação em saber que dessa experiência eu poderia trazer o melhor para a criação dos meus filhos, dos quais eu era pai e mãe.*

Leiliane: *O maior desafio foi conciliar as atividades com a maternidade, principalmente as atividades que eram passadas para casa, mas com o auxílio da minha família deu tudo certo no final*

Regina: *Os principais desafios que eu encontrei se deram porque na época eu trabalhava o dia todo e minha filha estava pequena e às vezes não tinha com quem deixar ela, mesmo chegando cansada do trabalho por muitas vezes tive que levar ela junto comigo para aula, e como era longe além da mochila pesada ainda tinha o peso dela, o que muitas vezes me fazia pensar em desistir, mas sempre tive o sonho de ter um curso superior e dar uma vida melhor para minhas filhas, esse foi o motivo de nunca desistir, pois sempre foi elas minha maior inspiração.*

A função da EJA vai além de suprir as carências de escolarização dos Ensinos Fundamental e Médio, ela tem a capacidade de proporcionar um nível de escala evolutiva muito maior do que a aquisição do diploma da educação básica, posto que também é um passaporte para o Ensino Superior. Regina afirma que a motivação que a levou a buscar a EJA para continuar os estudos foi “Cursar um curso superior para ter condições de proporcionar uma vida melhor para minhas filhas.” Assim como a Viviane que aponta que a sua motivação também foi o “desejo de cursar o Ensino Superior.” Leiliane do mesmo modo anuncia os

benefícios da EJA em sua vida foram “poder concluir o Ensino Médio e ingressar no Ensino Superior.”

Já a Lucineia Fátima declara que o que a motivou a voltar a estudar foi “minha filha, pois vi que ia precisar na alfabetização.” Ela ainda expõe que se pudesse diria a outras mulheres que cogitam em cursar a EJA, mas ainda têm dúvidas ou receios que “não precisa ter receios ou dúvidas, pois nos ajuda a educar nossos filhos.” Assim como a Leonora que assegura que “a motivação que me levou a buscar a EJA foi ter um maior conhecimento e poder ensinar as tarefas de casa aos meus filhos mais novos e também incentivar os meus filhos mais velhos que queriam desistir dos estudos, onde cheguei ainda a ser colega de sala deles.” No caso dessas duas mulheres os benefícios da EJA se estenderam aos seus filhos.

Leliane revela que a EJA influenciou sua autoestima e confiança. Ela assevera que “com a EJA minha confiança em mim mesma aumentou, pois pensava que seria difícil concluir o Ensino Médio após a maternidade.” Leonora igualmente reconhece que a EJA influenciou sua autoestima e autoconfiança, pois afirma que a principal lição que aprendeu durante o período que cursou a EJA foi “aprender a confiar que sou muito capaz!”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu não nasci rodeada de livros, eu nasci rodeada de palavras”. (Evaristo 2008).

Trago um pensamento de Conceição Evaristo para reforçar que nós mulheres negras e filhas de pais trabalhadores empobrecidos e que não tiveram acesso a escolarização, livros são artigos de luxo, primeiro temos que trabalhar para a nossa sobrevivência, o alimento é a nossa primeira necessidade básica, para a nossa resistência.. Estudar na nossa família, sempre foi um grande sonho, mas estavam bem distante da nossa realidade de trabalhadores da roça.

Somente com a minha experiência de vida eu poderia afirmar que a educação transforma e a EJA de fato é uma ferramenta demasiadamente poderosa no processo de emancipação humana e principalmente das mulheres da minha geração. Mas fomos mais fundo buscando conceitos e relatos que comprovassem essa teoria e diante do que foi apurado chegamos a conclusão que a Educação de Jovens e Adultos desempenha um papel de suma importância no processo de emancipação das mulheres, visto que proporciona a elas a oportunidade de adquirir conhecimentos e habilidades que lhes viabilizam se desenvolver pessoal e profissionalmente, expandindo suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e na sociedade de maneira geral.

A EJA também fortalece a autoestima e a autonomia das mulheres, incentivando-as a buscar seus direitos e a lutar por seus interesses. Logo, a Educação de Jovens e Adultos desempenha um papel basilar no processo de emancipação da mulher, possibilitando o seu desenvolvimento em todas as esferas dos seus percursos de vida.

A pesquisa que teve como problematização analisar como a EJA contribuiu para a emancipação educacional das participantes, investigando os desafios enfrentados, as motivações para retornar aos estudos e os impactos da educação em seus percursos de vida? Acreditamos que este trabalho embora tenha mostrado um recorde de realidades de mulheres Arraianas, ele cumpre com os seus objetivos, bem como traz apontamentos relevantes para refletirmos o papel da Educação de Jovens e adultos na vida das pessoas, que de alguma forma tiveram seus percursos interrompidos, pelas questões de desigualdades sociais que assola o país.

Diante de tudo que vimos e constatamos por meio desta pesquisa, podemos concluir que a EJA é uma fonte de empoderamento feminino sendo muito mais do que apenas uma modalidade de ensino com viés compensatório, dado que é notório que além de possibilitar a elevação de escolaridade ela também promove a socialização e mudanças, transformações na vida, bem como no panorama de vida das mulheres entrevistadas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. “**As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania**”. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.
- ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa** / Miguel G. Arroyo.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Sao Paulo. Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**; lei 9.394/96. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**; promulgada em 05 de Outubro de 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).
- CRUZ, Maria Helena S. (2018). **Empoderamento das Mulheres. Inclusão Social**, 11 (2), p. 101- 114.
- DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, no 55, 2001, p. 58-77.
- EVARISTO, Conceição; 2008, disponível em:  
[https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristoa-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-ahistoriabrasileira/?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAj](https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristoa-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-ahistoriabrasileira/?gad_source=1&gclid=CjwKCAj)
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro. Ed Paz e Terra; 1984.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Ed Paz e Terra; 1987.
- GODOY A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar-abr, p. 57-63, 1995.
- GONCALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza. **Reflexões e problemas da "transmissão" intergeracional no feminismo brasileiro**. Cadernos Pagu (36), Campinas, 2011, pp. 25-46. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332011000100003&lng=pt&nrm=isso-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100003&lng=pt&nrm=isso-). Acesso em: 24 jun. 2024.
- HAHNER, J. **A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KALMAN, J. **!Dile que haga la comida é! El significado de la alfabetización y la escolaridad en la vida de las mujeres pobres em la ciudad de México**. In: KALMAN, J. Procesos de literacidad y acceso a la educación básica de jóvenes y adultos. Unquillo: Narvaja Editor, 2011, p. 39-65.

MAGESTE, Gizelle de Souza; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; Ckagnazaroff, Ivan Beck. **Empoderamento de mulheres:** uma proposta de análise para as organizações. V Encontro de Estudos Organizacionais(ENEO 2008) da ANPAD. Belo Horizonte: 18 a 20 de junho de 2008.p. 1-15. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEO548.pdf>. Acesso em: jun. 2024.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e Significado na História Oral:** a pesquisa como experimento em igualdade. Projeto História, nº14, PUC-SP: São Paulo, Fevereiro, 1997, p.23.

STRELHOW, T. (2010) **Breve História sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Revista HISTEDBR On-Line, 38, 49-59.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 38, p. 49–59, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i38.8639689. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689>. Acesso em: 8 jul. 2024.